RECENSÃO DO LIVRO, À SOLEIRA DO – INFINITO. CACELA VELHA: ARQUITECTURA, PAISAGEM, SIGNIFICADO

PEDRO MARQUES ABREU, ANA SOFIA GUERRA, CATARINA MASCARENHAS, FREDERICO VICENTE
EDIÇÃO DE AUTOR, LISBOA, 2023¹

¹ Livro com texto em português e inglês. Edição dos autores. Encontra-se à venda na livraria da Faculdade de Arquitectura, na livraria da Ordem dos Arquitectos, e online no site file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/A_Soleira_do_Infinito_arquitectura_e_pai-2.pdf

² A edição online tem as notas correctas.

À *Soleira do - Infinito* é um livro sobre o espaço e o tempo, sobre a arquitectura e a sociedade. Nele, os autores procuram o de Cacela Velha, o que implica “desocultar a singularidade de um lugar” (p.36), para decidir que arquitectura, se pode-deve aí realizar-se. O caminho seguido é anunciado nas três palavras do subtítulo: arquitectura, paisagem, significado. É um caminho com muitas paragens, desvios, analogias, o caminho de quem procura qualquer coisa – o caminho da descoberta.

O LIVRO COMO OBJECTO

É um objecto muito bonito, muito cuidado, com belíssimas fotografias, uma capa cuja cor e palavras nos conduzem o olhar. Em suma, poderíamos dizer que, também ele, faz parte da paisagem de Cacela Velha. No entanto, há alguns aspectos negativos que devo assinalar: as letras das citações (e os números) têm uma cor muito ténue, tornando a sua leitura difícil, sobretudo para os mais velhos. E há erros na numeração das notas. É um problema complicado porque se trata de um livro cujas citações e referências são abundantes e importantes. São pequenas coisas, umas que resultam em fazer prevalecer a estética sobre a função, já no caso das notas, trata-se de um erro técnico que se resolve facilmente numa segunda edição.

Mas, quando começamos a percorrê-lo página a página, não queremos dele sair. É o silêncio que se instaura.

MANEIRAS DE FAZER

É um livro produzido por um professor (Pedro Abreu) e três alunos do mestrado em Arquitectura de Interiores e Reabilitação do Edificado da Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa: Ana Sofia Guerra, Catarina Mascarenhas e Frederico Vicente. Trabalhar em conjunto, estar disposto a ensinar mostrando como se faz, ou como se pode fazer, tem a ver com uma outra maneira de ensinar, com uma cumplicidade, na qual o professor e o aluno, embora com papéis diferentes, são ambos actores.

O livro está organizado em cinco capítulos e um Epílogo: Os capítulos I e II, e o Epílogo, com apenas 1 página cada, são os “alicerces” do livro, anunciam as grandes inquietações sobre as quais os autores reflectem. O capítulo I, “O Existencial dos Lugares”, sobre a carta do Monte de Ventoux, de Francesco Petrarca, dá-nos a ver a importância da paisagem que nos traz até nós; o segundo capítulo, “Finisterrae” assinala os *Lugares Mágicos* de Paulo Pereira, dedicado aos promontórios, cabos e *finisterrae*; o Epílogo, “O amor pelas coisas visíveis”, texto-poema de Sophia de Mello Breyner Andersen, “diz melhor do que porventura conseguimos (como só um grande poeta sabe fazer) quase tudo o que queríamos dizer” (p.41). Os capítulos III “Horizontalidades”, IV “O Infinito em Cacela” e V

“Arquitectura: sentido e forma”, com cerca de oito páginas cada um deles, desenvolvem os principais temas do livro.

CACELA VELHA

Cacela Velha é um lugar que não se esquece. Lugar onde o tempo foi tecendo o tempo.

Para chegarmos a Cacela Velha sobe-se do interior para o mar, não é habitual na costa algarvia; É um promontório, mas não é totalmente; tem uma dimensão bélica (muralha e fortaleza) mas também acolhedora (as árvores, os largos, a Igreja); O encontro com o mar é lento: vemo-lo aos poucos entre os largos, as ruas, as casas...

Cacela Velha é diferente, contraditória, surpreendente, ambivalente. Os autores apresentam-na como se de uma pessoa se tratasse... uma pessoa estranha, bela, “(...) Porém Cacela foi desejada só pela sua beleza” (Sophia Andresen, in Abreu e all, p.33), mas uma beleza que não é “algo meramente estético” (p.34)

A procura do *Genius Loci* de Cacela Velha é feita lado a lado com a poesia de Sophia. A paisagem (aldeia, habitantes, mar) toma assim uma outra forma na voz da poeta - e o texto-poema do “Caminho da manhã”, fá-lo como nenhum outro, na maneira como mistura a paisagem e a vida quotidiana. Este cruzamento com a escrita poética só é possível, porque de certo modo o livro já o contém: “Aqui acontece o ápice do percurso, onde se pode ter uma vista de mar de ângulo raso e olhar o horizonte, relacionando aquela linha – além – com as memórias daquele lugar – as casas, os barcos mortos na praia, o cemitério – em múltiplas concreções analógicas de uma relação metafísica dentro do quotidiano.” (p.3). É um texto muito teórico e muito poético. O que é raro na academia.

PAISAGEM

Nos Capítulos III (“Horizontalidade”) e IV (“O Infinito em Cacela”), os autores refletem, sobre a linha do horizonte, sobretudo do horizonte marítimo, e do seu encontro com Cacela.

O forte, a igreja, o cemitério – estes 3 edifícios, estabelecem uma fronteira entre Cacela e o mar, mas uma fronteira porosa através da qual ambos comunicam. Por outro lado, o traçado urbano de Cacela com os seus largos entrelaçados, ruas estreitas e curvas, casas brancas, vai mostrando e ocultando o mar, numa aproximação difícil, lenta, misteriosa: “E contudo, é assim que Cacela escolhe comunicar a sua relação com o infinito (...) – como se só de uma situação resguardada e aconchegada houvesse a coragem para um confronto com o infinito.” (p.24).

Os autores reflectem sobre a especificidade do horizonte de mar que provoca estranhamento, espanto, mistério: “A qualidade simultaneamente inalcançável e existencialmente presente do infinito, coloca-o na esfera do metafísico; ele é um aspecto do transcendente.” (p.14), e é esta característica transcendente do horizonte de mar que associam a uma dimensão religiosa. George Simmel, num texto sobre “A paisagem” (*A Filosofia da Paisagem*), não especificamente sobre a paisagem do horizonte de mar, afirma algo muito semelhante, ao referir que a religião emerge de um sentimento religioso existente na vida, que se pode manifestar através da paisagem.

ARQUITECTURA

Os autores defendem claramente uma “maneira de fazer”, uma arquitectura, que deve partir do que é *intersubjectivo*, “ou seja, do que existe numa esfera subjectiva (garantindo a repercussão pessoal da arquitectura) mas que não é propriedade só de um indivíduo, senão de uma cultura, ou, mesmo, idealmente de uma antropologia” (p.38). A partir daqui, qualquer intervenção arquitectónica a realizar em Caceia deve manter as características que fazem parte do seu *Genius Loci*: “o branco da cal”, a “intercomunicabilidade dos largos”, a “pequena escala”, a “simplicidade da arquitectura”, o “carácter inconspícuo do desenho” (p.40).

NOTAS FINAIS

Retomo a ideia de *intersubjectivo* dada pelos autores, e pegando na palavra antropologia, que dela faz parte, defendo que para fazer arquitectura é necessário para além de conhecer o *Genius Loci* do lugar, e foi essa a intenção deste livro, conhecer também as pessoas para quem essa arquitectura se dirige. Diria que estes dois aspectos são fundamentais em qualquer intervenção da arquitectura.

Também eu, vou socorrer-me do texto-poema de Sophia, “O caminho da manhã” (p.41), porque aí encontro exactamente estas duas dimensões necessárias à arquitectura: o “espírito do lugar” e a vida.

“E assim irás sempre em frente com a pesada mão do sol pousada nos teus ombros, mas conduzida por uma luz levíssima e fresca. Até chegares às muralhas antigas da cidade que estão em ruínas. (...)” “Aí deves parar e olhar um instante para o largo pois ali o visível se vê até ao fim. E olha bem o branco, o puro branco, o branco da cal onde a luz cai a direito”. (Sophia de Mello Breyner Andresen, in Abreu e *all.*, p.40; e *id.*, *Livro Sexto*, p.21).

“Entra no mercado e vira à tua direita e ao terceiro homem que encontrares em frente da terceira banca de pedra compra peixes. (...) E o homem há-de pedir-te que vejas como as suas guelras são encarnadas e que vejas bem como o seu azul é profundo e como eles cheiram realmente, realmente a mar. (...) À tua direita então verás uma escada: sobre depressa mas sem tocar no velho cego que desce devagar. E ao cimo da escada está uma mulher de meia idade com rugas finas e leves na cara. E tem ao pescoço uma medalha de ouro com o retrato do filho que morreu.” (*id.*, p.22).

Se a maneira como os autores, através da palavra e da imagem, nos levam a “ver” melhor a paisagem, a ver-nos melhor, a falta que sinto neste livro, sabendo de antemão que não era esse o seu objectivo, é a ausência das pessoas no espaço. A ausência do quotidiano. Da vida do dia a dia que torna o espaço uma “coisa” vivida...